**DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES- REVISÃO DE LITERATURA**

**João Antônio Ulhôa Oliveira1, Danilo Ferreira Campos2, Lucas Braselino Borges3, Adyson Weyke Soares Martins4, Hugo Fernandes Macedo Ferreira5, Pedro Henrique Machadodos Santos6, Rafaela Maria Rebelato7.**

*1Graduando em Medicina Veterinária – Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas – Poços de Caldas/MG – Brasil – \*Contato:joaoantoniouo@hotmail.com*

**INTRODUÇÃO**

A displasia coxofemoral teve seu primeiro diagnóstico em 1935, sendo amplamente pesquisada ao redor do mundo a partir daí3. A articulação coxofemoral é classificada como esferoidal, em que o não funcionamento perfeito da articulação recebe o nome de displasia coxofemoral2. O seguinte trabalho tem o intuito de levar conhecimento e esclarecimento sobre essa afecção ortopédica tão comum, e responsável por uma grande perda na qualidade de vida do animal acometido.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Esta revisão de literatura foi baseada em artigos de bases científicos como PubMed, Google Acadêmico, Scielo, dentre outros. Foi feito uso de palavras chave como ‘’displasia coxofemoral’’, dando preferência para o conteúdo mais recente encontrado, contendo artigos de 2010 até 2020.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Na displasia coxofemoral, o processo de remodelação óssea e crescimento endocondral estão alterados, dessa maneira o fêmur se encontra com uma cabeça reduzida, o acetábulo arrasado e um colo femoral espessado, resultando por isso em uma articulação incongruente2. Essa incongruência pode se apresentar em diferentes graus, desde uma subluxação, ou até mesmo ser classificada como uma ausência de relação entre a cabeça femoral e a fossa acetabular, recebendo nesses casos o nome de luxação4.

Sua etiologia pode ser advinda do rápido desenvolvimento ósseo, ossificação osteocondral anormal, distrofia muscular, e inclusive induzida, a partir de: de exercícios excessivos em animais em desenvolvimento, ou fatores ambientais como o habitat com chão muito liso3. Entretanto, sua principal causa é genética, muito ligada a cães de raças grandes, além de elucidar que é frequente a atrofia de glúteo médio deixando o quadril em formato de caixa6.

Cães filhotes, portadores do genoma dessa doença, só a manifestarão ao longo do desenvolvimento7, sendo ela a principal causa de osteoartrite em caninos adultos, em especial os de grande porte1. Esta osteoartrite pode ainda se agravar com a obesidade, o que é muito relevante, visto que 20 a 40% da espécie canina é considerada obesa4.

O diagnóstico se inicia durante a consulta através de uma boa anamnese em conjunto com um bom exame ortopédico que é representado especialmente pelo teste da dança, em que o animal é colocado em posição bipedal e forçado a andar, e a principal manobra ortopédica, que é o teste de Ortolani, o qual se baseia na movimentação do membro do animal a fim de comprimir a cabeça femoral em direção ao acetábulo e contra o mesmo, onde se a luxação estiver presente o teste é positivo. É comum que em casos crônicos o animal apresente um falso negativo no teste, devido à fibrose da cápsula articular e o arrasamento do acetábulo, já mantendo uma luxação constante na articulação1.

O diagnóstico é fechado por fim, com o auxílio de imagens radiográficas, podendo ser através do PennHip (quando filhote). Nessa radiografia, em um paciente adulto, pelo menos 2/3 da cabeça femoral deve estar alojada no acetábulo3. Outra forma diagnóstica é a artroscopia, mas ainda apresenta menor usualidade na rotina de médicos veterinários5.

Com relação ao tratamento, a displasia coxofemoral apresenta diversas possibilidades. O tratamento clínico pode ser empregado, baseado no uso de antiinflamatórios não esteroidais, condroprotetores, analgésicos, controle de peso, hidroterapia e acupuntura1, porém o mais indicado é o tratamento cirúrgico. Na literatura encontram-se diversas técnicas cirúrgicas descritas, sendo elas: colocefalectomia, pectinectomia, artroplastia da cabeça e colo femoral,osteotomia pélvica (dupla ou tripla), osteotomia intertrocantérica, denervação articular e sinfisiodese púbica juvenil5.



Figura 1: (A) Posicionamento de um canino para a avaliação radiográfica da displasia coxofemoral. (B) Radiografia ventro-dorsal de cão displásico.

Fonte: Ciência Animal, v.30, n.4, p.104-116, 2020. 104 AVALIAÇÃO RADIOGRÁFICA DA DISPLASIA COXOFEMORAL EM CÃES

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude do supracitado, é possível concluir que a displasia coxofemoral é uma doença multifatorial e muito recorrente na rotina clínica e cirúrgica de pequenos animais, em especial de pacientes caninos, dispondo na atualidade com diversas formas de tratamento e diagnóstico, sendo amplamente pesquisada por ser tão relevante no cenário da ortopedia veterinária.